Modelo em xeque

A marca comum da Política Agrícola Comum na União Européia, desde o princípio em 1962, foi manter uma administração arredia às mudanças. Em quase 40 anos de existência, as alterações na PAC foram bem pequenas, ante o tamanho da guinada ocorrida no ambiente da agricultura e suas relações com indústria, comércio e serviços. Pontualmente, uma das exceções ocorreu em 1984, com a alteração no regime de cotas na produção de leite.

A PAC foi criada para resistir às mudanças. Mas seus pressupostos enfraquecem diante dos fatos

Produtividade valorizada

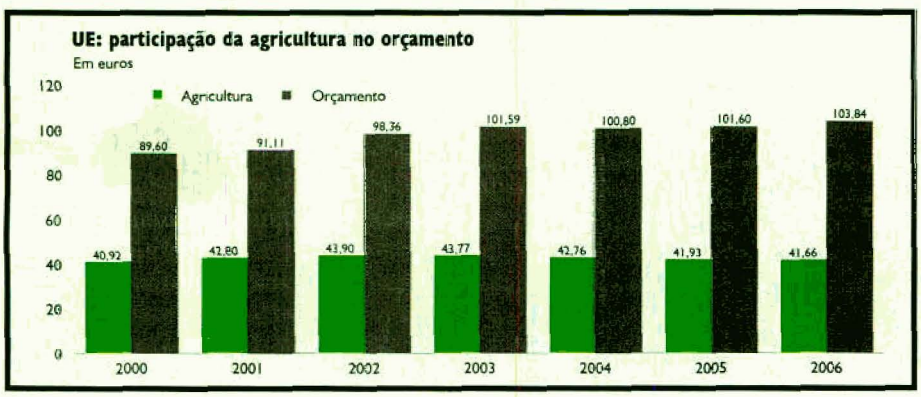
O modelo básico sempre visou sustentar a produção e garantir renda aos agricultores, não obstante o crescimento do número de países sob o guarda-chuva da PAC: no começo eram seis, depois passaram a nove, em 1973, e hoje são 15. É claro que o custo dessa política inchou; quando atingiu 65% do orçamento da UE, acendeu a luz vermelha. A partir de 1985, a expansão dos recursos ficou restrita a 74% do crescimento do PIB da UE.

Nos anos 90, a PAC foi submetida a duas reformas. A primeira em 1992 e a segunda, em março de 1999, chamada Agenda 2000. Os progressos foram considerados acanhados pelos analistas orientados para o tipo de agropecuária a ser desenvolvido no continente europeu. A crítica consiste em que o enfoque das políticas continua sobre a quantidade da produção, estimulando mais que tudo a pesquisa e o desenvolvimento de tecnologias dirigidos à produtividade.

União Européia: reformas na PAC

Item	1. Reforma	2. Reforma
	Preço de intervenção:	
Cereais	Redução de 29% (92/95)	Redução de 15%
Carne	Redução de 15% (93/95)	Redução de 20%
Leite	Inalterado	Redução de 15%
	Pagamentos de compensação	
Cereais	Compensação plena	Aumento no pagamento direto
Carne	Aumento de 100%	Aumento no prêmio
Leite	Inalterado	Introdução de ajuda (2005)
	Terras em descanso:	
Obrigatório	Fixado em 30%	Fixado em 10% (até 2006)
Voluntário	Em introdução	Mantido com mais estímulos
Cotas de leite	Cortes não determinados	Aumento de 2,4% até 2006

Fonte: UE.



Críticas fortalecidas

A argumentação corre no sentido de que a PAC força o desenho desse tipo de agricultura. Em anos recentes, as discussões em torno da transgenia nas sementes vegetais e de hormônios de crescimento em animais, por exemplo, assinalaram uma preocupação qualitativa com relação ao ambiente da produção agropecuária. O mesmo sucede com o impacto ambiental, diante da quebra da biodiversidade provocada pelas monoculturas. Os subsídios ficam cada vez mais concentrados num menor número de propriedades .

O recrudescimento da vaca louca e da febre aftosa fortaleceu os críticos da agricultura industrial de elevada escala de produção e menor custo. A voz da ministra da Agricultura da Alemanha, Renate Kunast, defensora ferrenha da agricultura orgânica, ganha espaço no Parlamento Europeu.

Para os países agroexportadores resta ver se a UE tomará o caminho de abrir seus mercados ou usará o nome da biosseguridade para trancar suas fronteiras (**L.A.P e R.A.**).